

DURÃO, FÁBIO AKCELRUD; ZUIN, ANTONIO; VAZ, ALEXANDRE
FERNANDEZ. *A INDÚSTRIA CULTURAL HOJE*. SÃO PAULO:
BOITEMPO, 2008. 215 P.

Vitor Cei Santos
Mestre em Letras/Universidade Federal do Espírito Santo
Universidade Federal do Espírito Santo

Nos 40 anos da morte de Theodor W. Adorno faz-se necessário atualizar o conceito de “indústria cultural” com o propósito de recriar os nexos que ele guarda com as dimensões do mundo atual. Adorno, um dos principais teóricos do capitalismo tardio, elucidou as relações da cultura da mídia com os processos de produção e acumulação capitalista, chamando a atenção para as origens econômicas e funções ideológicas dos produtos da indústria cultural.

Nessas quatro décadas que nos separam do filósofo frankfurtiano – ele faleceu em agosto de 1969 – a emergência de novos tipos de vida social, o aparecimento de novos traços formais na vida cultural e a consolidação de uma nova ordem econômica mundial trouxeram diversas transformações sociais que tornaram sua teoria crítica obsoleta em alguns aspectos.

Os autores do livro *A indústria cultural hoje* retomam o conceito adorniano como ponto de partida para a análise da lógica cultural do capitalismo tardio. Em uma perspectiva crítica, tratam a mídia como um objeto revelador da dinâmica do mercado, da cultura, da política e da sociabilidade instauradas na fase atual do capital. De diversos modos, eles mostram que o conceito do filósofo alemão é um instrumento epistemológico com o qual podemos compreender a pós-modernidade, abrindo a possibilidade para uma crítica da cultura contemporânea.

Sem se filiar a um único sistema de categorias elaborado pelas teorias críticas nacionais ou estrangeiras, essa obra de caráter interdisciplinar divide-se em cinco partes, em que

exerce um diálogo com a teoria literária, a filosofia, a psicanálise, a teoria da comunicação e a educação.

A primeira seção, dedicada à análise filosófica da indústria cultural, reúne artigos de dois pesquisadores brasileiros e dois estrangeiros. Em exercícios críticos transdisciplinares, eles lidam com implicações filosóficas do conceito de indústria cultural, teorizando sobre a lógica específica da produção cultural no atual estágio do capitalismo.

Robert Hullot-Kentor, do Departamento de Inglês da Long Island University, analisa em que sentido a indústria cultural não mais existe, mostrando a permanência da barbárie que a indústria da cultura se esforça em ocultar. Christoph Türck, do Instituto de Filosofia da Universidade de Leipzig, aborda a questão do hipertexto enquanto novo instrumento de dominação. Fábio Akcelrud Durão, do Departamento de Teoria Literária da Unicamp, caracteriza a superprodução semiótica, enfatizando suas implicações estéticas, sociais e psíquicas. Fechando a seção, Antonio Zuin, do Departamento de Educação da UFSCar, pensa a indústria cultural hoje a partir de uma crítica do filme *Necrocam*, que com o uso de *webcams* faz um retrato mórbido da morte.

A segunda parte do livro aborda a relação do conceito adorniano com o psiquismo, mostrando que a indústria cultural codifica relações de poder e dominação, incorporando e divulgando discursos sociais e políticos cujas compreensões exigem um viés de leitura psicanalítico. Luiz Calmon Nabuco Lastoria, da Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Metodista de Piracicaba, reflete sobre a subjetividade contemporânea a partir de uma investigação das novas configurações do aparato pulsional. O outro autor da seção, Conrado Ramos, coordenador do Centro de Estudos e Pesquisas em Psicologia e Educação da Unip, estuda as conseqüências das novas configurações do aparato pulsional em relação ao consumismo do mundo administrado.

Nas últimas décadas, o âmbito da cultura foi totalmente absorvido pela lógica do capitalismo tardio. Uma virada cultural colocou a cultura no centro da lógica de acumulação do mercado. Cultura e comércio se fundiram e passaram a se alimentar de forma recíproca. Desse modo, a própria cultura se tornou uma mercadoria para ser vendida e consumida.

Ingressando no âmbito dos estudos comunicacionais, a terceira seção dialoga com a anterior, analisando de que modo a infraestrutura industrial da cultura da mídia sustenta as modificações no psiquismo. Rodrigo Duarte, do Departamento de Filosofia da UFMG, inicia seu artigo comparando a “indústria cultural global” com o modelo “clássico” examinado por Adorno e Horkheimer no início da década de 1940, mostrando em que medida essa crítica continua valendo no contexto histórico atual. Duarte encerra seu texto refletindo sobre como o esquematismo da indústria cultural perverte a proposta kantiana da relação entre sujeito e objeto.

Renato Franco, coordenador do Grupo de Estudos e Pesquisa em Teoria Crítica da UNESP-Araraquara, encerra a seção de estudos comunicacionais analisando o planejamento industrial do “espírito objetivo” a partir de uma leitura dos ainda atuais estudos de Adorno sobre a televisão.

A quarta parte da obra, dedicada aos Estudos Literários, discute o potencial crítico da literatura, mostrando que escritores como Aldous Huxley e Thomas Mann não fizeram concessões à indústria cultural. O artigo de abertura é de Newton Ramos-de-Oliveira. O doutor em Educação faz uma retrospectiva das utopias e distopias literárias, discutindo seu potencial crítico.

Jorge de Almeida, do Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada da USP, analisa a leitura que Adorno fez de Huxley. O professor conclui que a visão do escritor inglês sobre a indústria cultural prefigurava a conjuntura atual. Em seguida, Bruno Pucci, do Departamento de Educação da UFSCar, analisa a colaboração entre Adorno e Thomas Mann na composição do romance *Doutor Fausto*. O pesquisador aponta para um modelo de produção cultural colaborativa antagônico ao da indústria cultural. Encerrando a seção, Luiz Hermenegildo Fabiano, do Departamento de Fundamentos da Educação da Universidade Estadual de Maringá, retoma as reflexões de Adorno e Horkheimer para discutir a sedução autoritária da cultura reduzida ao entretenimento.

A última parte do volume dedica-se à educação, mostrando a relevância da Teoria Crítica para a realidade educacional atual. Andreas Gruschka, do Instituto de Educação

da Universidade de Frankfurt (Johann Wolfgang Goethe), apresenta os resultados de um estudo empírico em que conclui que a escola prepara os alunos para a indústria cultural, em um processo de antiformação. Claudio Almir Dalbosco, da Universidade de Passo Fundo, analisa a indústria educacional e seu processo de mercantilização desregulamentada do ensino superior no Brasil. Em seguida, quem fecha a obra é Alexandre Vaz, coordenador do núcleo de estudos e pesquisas Educação e Sociedade Contemporânea da UFSC. Ele analisa as relações entre corpo, espetáculo e fetichismo como questões para a compreensão do movimento da indústria cultural atual, apontando para possibilidades de resistência através de atividades nas escolas.

A indústria cultural hoje é um convite para pensarmos a respeito de questões pertinentes ao nosso tempo. Sem buscar oferecer respostas definitivas para os problemas apresentados, rompendo com a conservadora visão monolítica do real, os autores se inserem numa reflexão sobre a teoria crítica como campo de conhecimento diretamente vinculado à resistência cultural e à consciência da opressão e desigualdade social. Por isso, a obra merece lugar em qualquer boa biblioteca de Estudos Literários.